



A TATUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO: UM ESTUDO ACERCA DAS MARCAS NA PELE DE PRESIDIÁRIOS

Thiago Leonardo RIBEIRO (UENP/CJ) ¹

Vera Maria Ramos PINTO (UENP/CJ) ²

Introdução

Em época de discussões acerca de multiculturalismo e multiletramento, cabível é abordar a tatuagem como um gênero, que se utiliza do corpo humano como suporte, determinando sua produção e circulação.

Segundo Lux Vidal, antropóloga especialista em pinturas corporais da Universidade de São Paulo - USP, "tatuagens, pinturas, mutilações e cortes de cabelo são modos de transformar o corpo para que ele comunique códigos, relações sociais e valores" (MELLO, *online*).

Assim, dentre os vários motivos para se fazer uma tatuagem, podemos encontrar o puro modismo, inserção em determinado grupo, homenagem, para expressar suas preferências, reforçar atitudes, religiosidade, crenças, devoção, embelezamento, e estabelecer relações entre pessoas e ideais.

Dessa maneira, observamos que a tatuagem, um adorno no corpo humano, que possui seus significados, distinguindo as pessoas em meio à multidão, pode ser estudada como um instrumento de comunicação, como um gênero textual/discursivo, que tem como suporte o corpo humano, determinando sua produção e circulação.

Partilhando dos ensinamentos de Bakhtin (2003), Orlandi (2012), Braga (2009), Paredes (2003) e outros, mostraremos que as tatuagens, presentes nos corpos de presidiários e demais integrantes do submundo do crime, revelam-se como parte de uma linguagem codificada, secreta, quase nunca revelada.

Tal pesquisa se justifica pelo fato de hoje a tatuagem funcionar como um instrumento de comunicação, de interação social. Da mesma forma que o pintor de uma

¹ Graduando (bolsista PIBIC-Fundação Araucária) em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *Campus Jacarezinho*, Centro de Letras, Comunicação e Artes.

² Professora Mestra do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *Campus Jacarezinho*, Centro de Letras, Comunicação e Artes – Orientadora.



tela quer nos dizer algo, a arte deixada na pele também possui um sentido, corroborando, para essa interpretação, as características de quem a ostenta e o contexto sócio-histórico.

Para tratar do assunto, procedemos com pesquisa teórica utilizando sites especializados, bibliografia da área e demais estudos encontrados. Sendo assim, a pesquisa pode ser inserida no paradigma interpretativista, e o método de pesquisa, o qualitativo.

Este trabalho provém de discussões ocorridas no Grupo de Pesquisa *Leitura e Ensino*, certificado pelo CNPq desde 2005, do Centro de Letras, Comunicação e Artes da UENP – *Campus Jacarezinho*, no âmbito da proposta PIBIC-UENP / Fundação Araucária, “Gênero tatuagem e o suporte corpo humano: do contexto de produção à significação”.

1. Tatuagem

A tatuagem, que nos últimos tempos passou da marginalização para a elite, hoje é tida como sinônimo de modernidade e estilo, demonstrativo de personalidade, que também pode vir a representar um ato político, bem como característica de grupos, como o dos surfistas, roqueiros, hippies, criminosos, dentre outros.

Destacam Sabino e Luz (2006, p. 253) que

Associadas, no Ocidente, à marginalidade até a década de 60 do século XX - quando estigmatizados como presidiários, motoqueiros dos *Hell's Angels* e marinheiros sem nenhuma patente desenhavam, por vezes de forma canhestra, imagens, palavras ou frases em seus corpos -, as tatuagens se tornaram atualmente parte do cotidiano das classes superiores. Decoram o corpo de indivíduos de idades variadas e demonstram a existência de um processo de circularidade cultural, no qual o poder de um item estigmatizado se torna emblema de *status* e domínio, invertendo o jogo social pela disputa de hegemonia simbólica das classes (GINZBURG, 1986; BAKTHIN, 1987).

A tatuagem existe desde os primórdios. Verifica-se que “O Homem de Gelo”, um corpo congelado encontrado na Itália em 1991, que se supõe ter vivido há cerca de 7.300 anos, tinha vários desenhos sobre a pele. A múmia da princesa Amunet, de Tebas, exhibe desenhos feitos de pontos e linhas que certamente chamaram a atenção dos



egípcios há mais de 4.000 anos. Não se sabe o que aquela tatuagem significava, mas é muito provável que ela não tenha sido desprovida de sentido. "O corpo foi um dos primeiros instrumentos manipulados pelo homem para expressar um significado", afirma Lux Vidal.

Sandro Caramaschi, professor do Departamento de Psicologia da USP, nos diz que "por meio da tatuagem, as pessoas procuram ser valorizadas e consideradas bonitas pelo grupo a que pertencem. Trata-se de uma necessidade de parecer igual e, ao mesmo tempo, diferente em relação aos outros". Para Mirela Berger, mestre em Antropologia pela USP, "a necessidade de se destacar dentro de uma sociedade massificada como a nossa é cada vez maior. Todos queremos chamar a atenção. E, cada um chama a atenção da maneira que mais lhe parece positiva, ainda que isso possa escandalizar quem optou por outros padrões de conduta e de afirmação" (MELLO, *online*).

Canevacci (1993), trazido à baila por Sabino e Luz (2006, p. 254), a respeito da linguagem visual encontrada nas grandes cidades, propõe que

o antropólogo das sociedades complexas preste detida atenção à linguagem dos signos visuais, pois essa linguagem ressalta o hibridismo, ou *sincretismo cultural*, que vem imperando nos centros urbanos. Tal hibridismo consolida o corpo como *mapa social*, expressando narrativas individuais e coletivas simultaneamente. Essas narrativas - da mesma forma que a *bricolagem* - são construídas por diversos itens, ou termos, pertencentes a culturas diversas tanto no tempo quanto no espaço. Desta maneira, por exemplo, uma mulher com ascendência alemã pode estampar em seu coccix uma tatuagem "tribal", marca ancestral de homens taitianos, ou um entrelaçado celta, recriando a partir da mitologia germânica a concepção de "forças do infinito". Tudo isto com o objetivo - consciente - de não apenas tornar-se singular, mas de se identificar - muitas vezes inconscientemente - com determinado grupo que frequenta locais (os chamados *points*) e que consome produtos específicos, escuta determinado tipo de música e assim por diante.

Vale mencionar que para abordar os significados das tatuagens além de levar em consideração a parte do corpo em que está inserida e a que grupo social o indivíduo pertence, devemos buscar na literatura (ou contexto sócio-histórico) as informações a respeito de cada signo.



2. Gênero textual/discursivo

Os gêneros textuais/discursivos fazem parte do nosso dia a dia e foram historicamente criados pelo ser humano a fim de atender determinadas necessidades de interação verbal. E, em uma situação de interação verbal, a escolha do gênero é feita de acordo com os diferentes elementos que participam do contexto, tais como: quem é o produtor do texto, para quem se produz, com que finalidade, em que momento histórico, entre outros.

Bakhtin (2003) ampliou os estudos sobre gêneros discursivos, para além da literatura. O autor afirma que gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. Então, podemos dizer que qualquer tipo discursivo se realiza dentro de um determinado gênero que se caracteriza por sua estrutura composicional, conteúdo temático, estilo e função comunicativa.

Araújo (2000), por sua vez, defende a ideia de que os gêneros textuais são identificados como processos dinâmicos, logo mutáveis, e, por isso, são considerados como estratégias de responder a contextos sociais. Assim, como o propósito comunicativo, o contexto social é também um traço definidor do gênero.

Marcuschi (2005, p. 22-23), por sua vez, diferencia “tipo textual” de “gênero textual”, pois a primeira expressão frequentemente é usada de maneira errônea nos livros didáticos e no cotidiano, sendo empregada de forma equivocada para indicar o que a segunda o é, assim, enquanto os tipos textuais são narração, argumentação, exposição, descrição, injunção apenas, os gêneros são inúmeros. E, como preleciona Koch e Elias (2006, p. 102-103), o que fará com que saibamos distinguir os gêneros e utilizá-los é a competência metagenérica, que possuímos independente de teorização. Tal capacidade é empregada na produção e compreensão de textos.

Sobre gêneros, Braga (2009, p. 147) explana que

O que é falado, escrito ou desenhado, a maneira como isso é feito, a forma que é dada ao texto, são características diretamente ligadas ao gênero. Como as situações de comunicação em nossa vida social são inúmeras, inúmeros são os gêneros textuais: bilhete, carta pessoal, carta comercial, *e-mail*, etc., e aqui quero incluir a tatuagem.



Para Bazerman (2009, p. 31), a definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentidos. Ignora as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo. Ainda, para o autor, gêneros são

os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (BAZERMAN, 2009, p. 31)

Corroborando o alegado, estudos de Pereira e Rodrigues (2010, p. 150) apontam no sentido de que enunciados que se produzem e circulam em determinadas esferas e situações sociais de interação mantêm também relações dialógicas entre si, gerando, historicamente, modos sociais de dizer e agir, resultando no que Bakhtin (2003, p. 262) denomina de gêneros do discurso. Desse modo, se os enunciados são únicos, do ponto de vista da historicidade e das práticas interativas, eles são balizados pelos gêneros, que legitimam e significam a produção de novos enunciados.

3. Tatuagem como um gênero

Tendo por base os estudos de Sandro Braga, Doutor em Linguística da UNISUL, abordando a tatuagem como gênero, verificamos que o pesquisador trata a tatuagem não só como material semiótico, mas também como forma de linguagem constituída por enunciados.

No primeiro viés, teríamos a pintura como signo ideológico, abordada por Bakhtin, segundo o qual “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo”. O autor, citando Bakhtin (2002, p.31) acrescenta, ainda, que os signos como são ideológicos também refletem e refratam uma realidade que lhe é exterior (BRAGA, 2009, p. 136).



Braga explora a tatuagem, seja desenho, grafismo ou aforismo, como forma de linguagem virtual, não verbal, inscrita na pele. E justifica que usa a expressão “‘não-verbal’ para imprimir a ideia de que mesmo quando a palavra se constitui tatuagem seu campo de significação pode mudar ou ser ampliado, ou seja, deixa de significar apenas como palavra” (2009, p. 136).

Orlandi, em seu trabalho *À Flor da pele: indivíduo e sociedade* (2012, p. 196), ensina-nos que

[...] a pichação, o grafite, as camisetas com letras e desenhos, o piercing, a tatuagem são manifestações de um mesmo processo discursivo que deve ser pensado em suas condições sócio-históricas, produzindo efeitos de sentidos próprios a determinadas condições políticas e ideológicas. [...]

Braga (2009, p. 138) milita no sentido de que a tatuagem, vista isoladamente como material semiótico e texto, pode ser reiterada, repetida, mas não como enunciado, uma vez que esse é único e irrepetível.

A tatuagem, para o autor, é concebida como parte constitutiva de uma atividade de comunicação humana, que comporta um material semiótico concreto. Material esse que se constitui em enunciados dentro de uma entidade sócio-histórica, possibilitando uma ação dialógica. Também pode ser tomada como um gênero altamente capaz de refletir a individualidade do autor, por meio do enunciado. De se notar que o pesquisador entende como sendo autor da tatuagem a pessoa que a ostenta, não quem realiza a técnica de tatuar (2009, p. 141); autor é o sujeito que é tatuado, o corpo que se torna superfície midiática e materialidade semiótica, pois o tatuador não possui relação com o signo ideológico e com a significação eminente deste signo (2009, p. 145).

Braga (2009, p. 143) assevera que:

[...] pensar a tatuagem como gênero torna-se complexo e desafiador, pois, diferentemente de uma atividade oral ou escrita da língua, que se materializa, de uma forma ou de outra, fora do sujeito, a tatuagem está para o sujeito assim como o sujeito para a tatuagem, trata-se de um atravessamento de mão dupla. [...] tatuagem, que somente pode ser assim chamada a partir do ato de inserção do signo na pele e de sua permanência no sujeito.



O autor ainda preleciona que

temos o corpo não apenas como suporte textual, mas sobretudo, como mídia constitutiva do enunciado, determinando sua produção e circulação. Ou seja, indicando onde esse material semiótico entrará como signo ideológico comunicativo. E é essa interação na práxis da atividade humana que caracteriza o estilo e, concomitantemente, o enunciado desse gênero discursivo (BRAGA, 2009, p. 143).

Braga (2009, p. 145) lançando mão de Orlandi (2001) nos fala que

[...] A tatuagem se individualiza, embora os traços sejam os mesmos, no modo como são praticados por/em cada corpo: o corpo místico, o corpo atlético, o corpo adolescente... Não é somente a diferença entre proprietário do corpo que constituirá o que estou chamando de textualização da tatuagem, também a parte do corpo em que ela está inserida será fundamental no processo de significação. O órgão tatuado poderá indicar, por exemplo, o seu leitor/destinatário preferencial. [...]

Ainda, citando Orlandi (2001), informa que o corpo não é apenas suporte para o material semiótico que Orlandi chama de texto; o corpo, ou melhor, cada região do corpo, faz parte da constituição desse material semiótico, é parte composicional do texto. Além dos diferentes lugares (corporais) de enunciação, outras diferenças podem ser levantadas e incidirão significativamente na atribuição dos sentidos de uma tatuagem: o tamanho da letra e/ou desenho, a espessura dos traços, a intensidade das cores, e, claro, a técnica do tatuador, que imprimirá traços mais ou menos precisos.

Leciona Braga (2009, p. 146) a respeito da tatuagem como texto

[...] como “ler” a tatuagem como um texto? É preciso, antes de tudo, não direcionar o olhar puro e simples para a tatuagem isoladamente, como se ela fosse um desenho qualquer, sobre uma folha de papel qualquer (no caso do desenho no papel teríamos outra enunciação, outra textualidade e outro texto). É preciso olhar, como já argumentei, para a sua textualização. Nesse caso, a interpretação está posta no próprio corpo, constituindo um acréscimo na superfície da pele, formando um “mais” corporal, tornando a carne textualizada. E é essa interferência no corpo que vai atribuir um significado ao corpo e não outro. É isso, também, que vai dar o que estou chamando de “certa estabilidade” de atribuição de sentido ao corpo através do enunciado. Ou seja, atribuindo sentido a um corpo individual, através de uma relação com o social. E que possibilita classificar a tatuagem como um gênero discursivo.



Braga (2009, p. 148) traz que a letra ou grafismo, desenho concreto ou tribal, superfície plana ou multidimensional, a cor da pele, a textura da pele (ter pêlos ou não), tudo isso será levado em conta na formação da textualidade, atestando o funcionamento ideológico da linguagem, conforme entendimento de Orlandi (2001).

Compartilhando do pensamento de Ramos (2001), ainda menciona que a tatuagem configura-se num gênero discursivo que só pode ser analisado num todo, num todo enunciativo, no qual a tatuagem está inserida no corpo da pessoa tatuada. E que, para se fazer uma análise mais adequada, teríamos que atentar para o contexto social em que essa corporeidade está inserida.

O autor (2009, p. 149), para defender a tatuagem como gênero, como entidade sócio-histórica e forma de ação, diz o seguinte:

Não se pode focá-la fazendo um recorte apenas do desenho ou do grafismo subscrito na pele. É necessário estender-se sobre a tatuagem, vazando-a de seus limites gráficos e compreendê-la como algo que surge de uma situação sócio-histórica; ou seja, como signo ideológico, que nasce das relações sociais.

Em sendo a tatuagem um gênero, temos uma certa estabilização dessa manifestação social. Percebe-se que não é a forma de significar que constitui o gênero tatuagem, e sim a estabilização da significação que dará um retorno ao gênero e ao enunciado, levando em conta, a interação social (BRAGA, 2009, p. 152).

Vale destacar a relação dialógica bakhtiniana centrada na existência de um outro, em que a todo “dizer” corresponde uma ação de reação-resposta ativa responsiva. Braga (2009, p. 152) usa de Peruzzolo (1998, p. 14) para completar:

Nesse sentido, a tatuagem também terá respostas ativas, às quais poderão ser atribuídos sentidos diferentes. E essa atribuição de sentidos marcará decisivamente o social; sociabilização ou confronto, pensando sempre que o homem é um ser que interpreta e é interpretado, inclusive a ele próprio. “O homem é um animal que olha o seu corpo pensando em outro e olha o corpo do outro pensando no seu. A imagem humana é sempre um corpo diante do espelho”.



Para justificar o uso de tatuagem, Orlandi (2012, p. 193) constata que na ausência de laços que unem os sujeitos de forma menos impessoal, ele busca nos símbolos incrustados em sua pele um vínculo que o ate ao “seu” mundo, buscando, assim, pertencimento e sentido.

Na relação com a sociedade em que este sujeito circula, ele instala sua textualidade, visível em sua pele, individualizando-se pelo gesto da escritura de si. Ele procura se distinguir do corpo coletivo, significando-se em uma segunda comunidade (ORLANDI, 2012, p. 196).

Conforme Orlandi (1993) *apud* Braga (2009, p. 153), “a nossa sociedade tem urgência do dizer e estamos inseridos em práticas significantes que expõem o sujeito a uma visibilidade constante. Estamos imersos em uma grande quantidade de símbolos, e os produzimos em permanência”.

Interessante destacar que Pereira e Rodrigues (2012, p.152) trazem em seu trabalho ensinamentos de Rojo (2005, p. 199) quanto à análise de gêneros:

[...] A ordem metodológica de análise que vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...]. Ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a interpretação linguística habitual, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida à ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais [...]. Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos da situação de enunciativa, privilegiando, sobretudo, a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seus *interlocutores* e *temas* discursivos -, e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado/ língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação.

Ainda, convém mencionar que no trabalho *O Mangubeat nas aulas de Língua Portuguesa (online)*, Adriana Teixeira e Fernanda Litron trazem ensinamentos de Rojo (2010) afirmando que as práticas de linguagens na contemporaneidade são outras, o que exige reflexão no processo de ensino de leitura. Novas são as relações multiculturais (locais, globais, valorizadas); novas são as formas de circulação dos textos, novas são as situações de produção de textos/discursos, novos são os gêneros, novas são as ferramentas de leitura-escrita e as mídias são diversas e multissemióticas.



4. Tatuagem de presidiários

Compreender os significados das tatuagens no submundo do crime é de salutar importância, pois se trata de uma linguagem codificada, secreta, que se traduz em sinais de poder, comando, subordinação, tipos de crimes, enfim, vários significados dentre os criminosos.

Com tal abordagem podemos depreender

que certas tatuagens encontradas em alguns indivíduos podem indicar fortes indícios de envolvimento com a prática de crimes. Para o policial, a relevância desse conhecimento justifica-se, por exemplo, quando o mesmo depara-se, em ocorrências, com indivíduos tatuados e não se atenta para o fato de que as figuras ali impressas podem trazer consigo a história de diversos delitos [...] (SILVA, 2012, p. 10).

Paredes (2003, p. 08-09) informa-nos que, nas penitenciárias, as tatuagens não são feitas para enfeitar, elas contam histórias, comunicam-se e mantêm distâncias, mostram quem é o preso, o crime que praticou e o que se deve sentir por eles (medo ou desprezo).

Em Paredes (2003, p. 10), constatamos os seguintes significados para as tatuagens dos criminosos:

- o desenho de uma estrela de cinco pontas indica o autor de homicídios;
- três sepulturas significa que o proprietário desta marca tem o corpo fechado e guarda segredos como um túmulo;
- traidores e delatores recebem o desenho de uma serpente;
- a imagem de uma santa possui dois significados importantes, indica o crime de latrocínio praticado pelo possuidor, ou ainda, o arrependimento do crime praticado;
- um desenho de cruz nas costas é o símbolo do bandido que mata, se vinga;
- os assassinos de policiais gostam de marcar a pele com uma caveira trespassada por um punhal, normalmente disfarçada entre outros signos;
- a pistola na perna traduz ser o possuidor, um latrocida;
- uma borboleta indica um indivíduo que não aceita ficar preso, sempre tentará a busca da liberdade, como também pode indicar sua opção sexual, a homossexualidade.

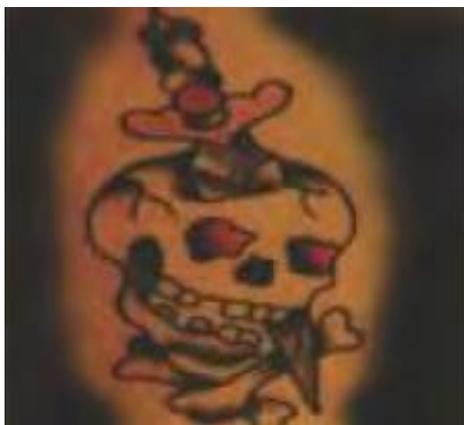


Figura 1 – caveira trespassada por punhal
Fonte: SILVA, 2012, p. 20



Figura 2 – pistola na perna
Fonte: SILVA, 2012, p. 25

De acordo com Paredes (2003, p. 10-11), quanto aos símbolos que aparecem nas mãos, diz que se comunicam indicando não só o tipo de crime, mas também datas que não desejam esquecer, por exemplo, a data em que morreram os companheiros de cela; uma teia de aranha informa que seus cúmplices foram mortos; uma cruz com duas velas acesas é um aviso aos colegas do cárcere, que o dono desta marca é um indivíduo de alta periculosidade; já um minúsculo número 12 na mão esquerda, ou ainda, uma folha de maconha estilizada, no dorso da mesma mão, refere-se estar ligado ao tráfico de drogas; uma sereia na perna direita é o estigma dos condenados por crimes contra os costumes.

No que se refere aos pontos encontrados nas mãos e, às vezes, no rosto, quanto maior o número, mais alto o nível de periculosidade do criminoso, sendo assim: um ponto, normalmente na mão direita indica ser o indivíduo um batedor de carteira; dois pontos na mão indica ser um estuprador; três pontos, em forma de triângulo, significa estar envolvido com o crime de tóxicos; quatro pontos formando um quadrado, informa que o indivíduo pratica o crime de furto; já cinco pontos identifica ser um praticante do crime de roubo com violência; um ponto em cada extremidade de uma estrela, significa que o possuidor desta tatuagem pratica crimes de homicídio, e ainda, vários pontos formando um “x”, indicam que o possuidor é chefe de quadrilha ou líder de determinada facção criminosa (PAREDES, 2003, p. 11).



Constatamos, também, a existência de desenhos com imagens religiosas, como o rosto de Jesus Cristo, quando desenhado no peito, identificam presos que praticaram o crime de latrocínio; uma cruz com o crânio humano, tatuado no meio das costas, identifica que o indivíduo possui um comportamento da lealdade a seus colegas de cela, possuindo o significado de que é uma pessoa que sabe guardar segredos e que o grupo pode confiar naquele indivíduo; quando possui uma cruz com duas velas acesas na base, normalmente em tamanho grande nas costas, identifica ser um elemento de alta periculosidade; quando em tamanho pequeno possui uma cruz iluminada, significa o pedido de proteção constante; o tatuado com imagem do diabo, demonstra ser um matador, usada por quem tem o prazer de conviver com a morte; a imagem de Nossa Senhora Aparecida no peito ou nas costas em tamanho maior e no meio das costas identifica que a pessoa foi violentada durante o período em que esteve preso, significando a marca para um estupro (PAREDES, 2003, p. 11).



Figura 3 – cinco e três pontos nas mãos
Fonte: PAREDES, 2003, p. 19

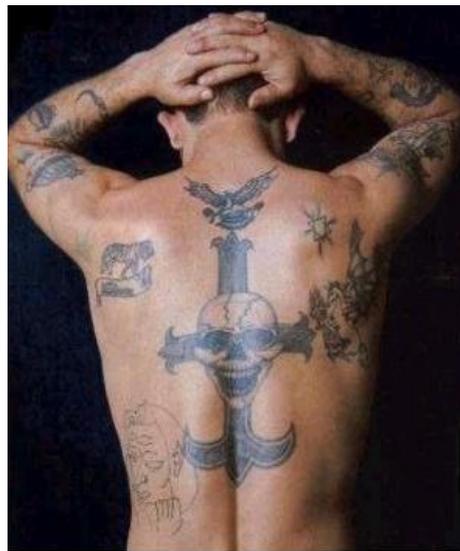


Figura 4 – cruz com um crânio humano
no meio, tatuados nas costas
Fonte: PAREDES, 2003, p. 14

Ainda, verificamos que a figura de uma borboleta, demonstra o anseio de liberdade, o possuidor deste desenho é um praticante de fugas, não admite ficar muito tempo preso, é um fugitivo nato, porém, dependendo da região do corpo onde está pintada a tatuagem, indica ser um homossexual.



Por sua vez, o desenho de uma serpente no braço, informa que o possuidor desta tatuagem faz qualquer tipo de negociação para livrar-se da prisão, não é uma pessoa confiável. Trata-se de um indivíduo traiçoeiro; a forma de um cadeado, de um molho de chaves é a forma que os presos têm de manifestar-se que têm sido perseguidos constantemente no interior das penitenciárias, uma forma usada para pedir apoio e auxílio; a figura de um barco ou de uma caravela, ao lado do coração, significa vontade de liberdade, o anseio de ficar livre.

Outra tatuagem muito encontrada nesse meio é a de um punhal, ou de uma faca isolada, cujo detentor desta marca vem a ser um indivíduo corajoso, valente e aceita enfrentar todo tipo de perigo.

Assim, informações acerca das tatuagens, comumente encontradas nos corpos dos delinquentes, auxiliam no reconhecimento visual de um suspeito. Atitude que, como exemplo, pode salvaguardar a integridade física de um policial.

Considerações finais

Com a pesquisa, verificamos que a tatuagem pode ser trabalhada como um gênero textual/discursivo, visto que ela comunica algo, tem uma função comunicativa, levando em consideração as condições de produção e circulação, bem como a situação sócio-histórica na qual está inserida.

Podemos inferir, por sua vez, que todos os gêneros quando aplicados no suporte corpo humano podem ser tidos por tatuagem, podendo ser poesia, caricatura, cartoon, frase, grafismos, aforismos, dentre outros. Destacando que um mesmo desenho, uma mesma tatuagem, pode possuir vários significados dependendo do grupo social que o indivíduo portador da tatuagem faça parte, se homem ou mulher, em que lugar do corpo se encontra etc.

Nesse trabalho, constatamos que as tatuagens de presidiários, marcas na pele nos corpos de criminosos, como serpentes, cruzeiros, caveiras trespassadas por punhais, pontos marcados nas mãos, imagens religiosas, muito encontradas nos meios prisionais, retratam uma linguagem codificada que nos mostra muito de suas personalidades, dos crimes praticados, a que facção criminosa pertence, entre outros.



Referências

ARAÚJO, A. D. Análise de gênero: uma abordagem alternativa para o ensino de redação acadêmica. In: FORTKAMP, Mailice B. M.; TOMITCH, Leda M. B. (orgs). *Aspectos da Linguística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Angela Paiva Dionisio, Judith Chambliss Hoffnagel (orgs); tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel; revisão técnica Ana Regina Vieira...[et al.]. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRAGA, S. A tatuagem como gênero: uma visão discursiva. In: *Linguagem em (Dis)curso* – Lem D, v. 9, n. 1, p. 131-155, jan./abr. 2009. Disponível: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0901/090106.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Gêneros textuais. In: *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gênero textual: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros Textuais & Ensino*. São Paulo: Lucerna, 2005.

MELLO, M. *Arte à flor da pele*. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2000/conteudo_158295.shtml>. Acesso em: 12 mar. 2013.

ORLANDI, E. P. À Flor da pele: indivíduo e sociedade. In: *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. 2ª Edição. Campinas, SP: Pontes editores, 2012.

PAREDES, C. V. *A influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias*. Monografia (Curso de Especialização em Modalidades de Tratamento Penal e Gestão Prisional). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003. Disponível em: <http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/monografia_cezinando.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2013.

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. *Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin*. In: Letras, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147–162, jan./jun. 2010.

SABINO, C.; LUZ, M. T. *Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença*. In: PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 16(2): 251-272, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v16n2/v16n2a07.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2013.



IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação
Múltiplos Olhares
05, 06 e 07 de junho de 2013
ISSN: 1981-8211



SILVA, A. J. L. da. *Tatuagem: desvendando segredos. Cartilha de Orientação Policial*. Salvador: Magic Gráfica, 2012. Disponível em: <<http://www.aopmba.com.br/2012/index.php?menu=artigos&id=31>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

TEIXEIRA, A.; LITRON, F. *O Mangubeat nas aulas de Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://www.parabolaeditorial.com.br/downloads/8OMANGUEGAT-PROFESSOR.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2013.